

A GRAMÁTICA BRASILEIRA NO INÍCIO DO SÉCULO XX:
GRAMMATICA EXPOSITIVA (EDUARDO CARLOS PEREIRA)
E GRAMMATICA PORTUGUEZA (HEMETÉRIO JOSÉ DOS SANTOS)

Leonor Lopes Fávero
Universidade de São Paulo
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
CNPq

Márcia A. Guedes Molina
Universidade de Santo Amaro

Considerações Iniciais

Nosso objetivo neste trabalho é revisar duas gramáticas do início do século XX: a *Gramática Expositiva (Curso Superior)* de Eduardo Carlos Pereira e a *Grammatica Portugueza* para o segundo grau primário de Hemetério José dos Santos, à luz da História das Ideias Linguísticas, compreendendo que *história* é um trabalho de *representação*, no qual se observam:

- como são traduzidas as posições e interesses dos indivíduos que compõem aquela sociedade;
- como pensam que ela é;
- como agem, ou como gostariam que ela fosse.

Estabelecendo-se uma interligação, ou seja, já que uma *imagem presente* suscita um *objeto ausente*, numa relação de interdependência, comportando, uma cronologia, uma geografia e um conjunto de temas, verificaremos como se pode estabelecer hoje essa interligação com a obra desses dois estudiosos. Assim, nossa cronologia é o final do século XIX, início do XX. Nossa geografia, o Brasil e os temas: a gramática e o saber linguístico daquele tempo. Para tal, o trabalho foi dividido em duas partes: o autor e a obra e, em ambas, quando

sentirmos necessidade, faremos incursões sobre a época, já que para entendermos o texto, importante é conhecermos o contexto. (Fávero & Molina, 2006). Das obras, serão avaliadas, por uma questão de delimitação, a morfologia e a sintaxe.

1. Gramática Expositiva – Eduardo Carlos Pereira

1.1 O autor

Eduardo Carlos Pereira nasceu em Minas Gerais, na cidade de Caldas, em 1855. Filho de uma professora e de um farmacêutico, aprendeu as primeiras letras com sua mãe, a Sra. Maria Eufrosina de Nazaré, e com seu irmão mais velho, Severo. Mais tarde, passou a estudar na escola da cidade, onde também tomou aulas de latim e francês. Anos depois, foi para Araraquara, concluindo sua formação em São Paulo, na Academia de Direito, dividindo o banco escolar com ilustres brasileiros.

Começou sua docência no Colégio Culto à Ciência, de Campinas, quando conheceu o missionário americano George Morton, diretor do Colégio Internacional, de quem recebeu importante influência religiosa. Mais tarde, em São Paulo, trabalhou no Ginásio Oficial da Cidade de São Paulo e no Colégio Presbiteriano Mackenzie.

De suas obras, destacam-se a *Grammatica Expositiva*, depois acrescida da especificação (*Curso Superior*), lançada em 1907, que teve cento e catorze edições, *Grammatica Expositiva (Curso Elementar)*, lançada no mesmo ano que a anterior, e a *Grammatica Histórica* (1916).

Neste trabalho discorreremos sobre a sua primeira obra, em sua primeira edição.

1.2 A obra¹

1.2.1 Visão geral

Surgida no que Nascentes (1939) chamou de *período gramatical*, a primeira edição da obra nos foi dada a lume em 1907, com o título *Grammatica Expositiva*. No prólogo dessa edição, o autor explicita que fora sua docência na cadeira de Português no Ginásio Oficial que o levava a elaborar sua gramática, inspirado tanto nas correntes naturalistas quanto nas tradicionais:

¹ Para facilitar a leitura do texto, procedemos à atualização da ortografia.

(...) em primeiro lugar, procuramos o resultante das duas correntes: — da corrente moderna, que dá ênfase ao elemento histórico da língua, e da corrente tradicional, que se preocupa com o elemento lógico na expressão do pensamento. (p.II).

Nessa ocasião, muitos eram os debates em relação à Língua Portuguesa. Eduardo Carlos Pereira critica a situação em que estava o ensino de nossa língua, atribuindo os fracassos à adoção exclusiva de uma ou outra dessas correntes. Assegura que o melhor seria que todos seguissem a opinião de Brachet, ministrando ao aluno o conhecimento histórico da língua que lhe fosse possível compreender. Recordemo-nos de que esse estudioso francês, em sua *Nouvelle Grammaire Française* (1878) assim se manifestara:

Croire que l'explication historique remplacera pour lês enfants l'étude des règles, Donner prématurément à ceux-ci une dose de science qu'ils ne peuvent pas porter(...) tels sont les plus graves ecueils de la méthode nouvelle (...) Il est une autre precaution tout aussi importante à observer: c'est de gradier les explications suivant l'intelligence de l'enfant et selon as connaissance du latin.²

Depois, preocupa-se em diferenciar o *modelo novo* do *antigo*. Para ele o primeiro está baseado em Júlio Ribeiro, que se opunha à tradição logicista, à orientação do segundo modelo, o *antigo*. Além disso, afirma que rompera em sua obra com a chamada terminologia *abstrusa e cansativa*.

Faz-se importante destacar que esta gramática surgiu no período de pós-República, momento de muitas transformações aqui no Brasil, instância em que despontava uma sociedade norteada por ideais positivistas, crédula no progresso advindo com o modelo republicano e, sobretudo, cônica do poder da Educação, muito reavaliado nesse momento por motivos já expostos. Surgiam inúmeros estabelecimentos educacionais e buscavam-se por programas de ensino que, de fato, atendessem à realidade daquela população composta por uma grande massa de iletrados. Nesse sentido, discute Veríssimo (1906, p. XX)

Em nossa instrução pública, hoje como ontem, a coisa que mais carecemos é de verdade. Precisamos acabar de uma vez com a espetaculosidade de regulamentos, programas, instituições e organizações que ficam na prática sem nenhuma realidade.

² Apud Pereira, *Questões de Filologia: resposta aos críticos da Gramática Expositiva*, 1907, p. 16.

Na sequência, Eduardo Carlos Pereira assevera que, para a elaboração de seu trabalho, se amparara em *mestres de reconhecida competência*, citando Diez, Darmesteter, Ayer, Mason, Bain, Bello, Zambaldi, além de gramáticos nacionais e portugueses, antigos e modernos. Cavaliere (2000, p. 76) esclarece que, o grande número de citações a autores portugueses e brasileiros devia-se sobretudo, *a uma deferência diplomática que soia conferir a quem estudava — e estudava bem (...) a língua portuguesa*.

Nosso autor finaliza esse prólogo, esclarecendo que enriquecera seu trabalho, atendendo à sugestão do programa oficial de português, *com dezenas de provérbios, máximas e ditos sentenciosos tanto para aclarar e fixar regras, quanto para aguçar o intelecto e formar o caráter* (p. II). Recordemo-nos novamente de que a República acabara de ser proclamada, fazendo pairar no imaginário brasileiro um forte ufanismo difundido por campanhas de idolatria à pátria, de escolarização e de prestação de serviço militar. Esses três pontos: amor e serviço ao país, necessidade de escolarização e obediência à pátria constituíam o discurso da classe dominante, que deveria ser difundido pela escola. Também é representativa desse dado, a citação de Bilac e Bonfim na Advertência e Explicação do seu *Através do Brasil*³:

(...) o nosso livro de leitura oferece bastantes motivos, ensejos, oportunidades, conveniências e assuntos, para que o professor possa dar todas as lições, sugerir todas as noções e desenvolver todos os exercícios escolares, para boa instrução intelectual de seus alunos do curso médio, de acordo com os programas atuais e com quaisquer outros que se organizem com a moderna orientação da Pedagogia.

No prólogo da segunda edição de sua obra⁴, agradece seu acolhimento e explica que ampliara a matéria e sua exemplificação, *retocando aqui e ali a doutrina e a sua disposição metódica*. De fato, a primeira edição da gramática fora muito bem aceita pelos lentes, mas ensejara também muitas críticas, fazendo com que Eduardo Carlos Pereira as respondesse em sua obra: *Questões de Filologia: resposta aos críticos da Gramática Expositiva* (1907).

Assim, nessa edição, alarga o trabalho com um esboço histórico e geográfico da língua (retirados em edições posteriores) e um breve estudo sobre

³ 2.ª edição, 1913, p. VI e VII.

⁴ Em 1907, como lançara sua *Grammatica Expositiva (Curso Elementar)*, depois da segunda edição, para dessa diferenciar-se, a obra em análise passou a chamar-se *Grammatica Expositiva (Curso Superior)*.

sintaxe estilística. Com humildade, assevera que procurara dar maior acuidade à análise, fornecendo modelos e exercícios apropriados, comungando com os princípios da escola nova que, dentre outras coisas, preceituava que *em todas aas atividades que exigem aprendizado, só se aprende a fazer, fazendo.*⁵

No prólogo da oitava edição de sua gramática, Pereira afirma: *sai expurgada e bastante melhorada essa edição* (p. VII). Assegura que sistematizara algumas definições, ampliara exemplos e notas e, em relação à morfologia e à sintaxe, aponta que metodizara de forma mais rigorosa o estudo das conjunções e preposições e efetuara uma detalhada revisão dos estudos de regência.

Como já mencionado anteriormente, neste trabalho ocupar-nos-emos da primeira edição.

Depois do prólogo, encontramos o seguinte ensinamento:

Gramática portuguesa: é a exposição metódica das regras relativas ao *uso correto* da Língua Portuguesa. Nota: Gramática é termo grego derivado de *gramma* = letras. (p. 2 – grifo nosso)

Demonstrando, logo no início da obra, seu apego à tradição greco-latina, pois ainda ratifica:

Existe uma boa tradição: a gramática tem o dever de a tornar conhecida e defendê-la [a língua] contra qualquer alteração. É *ensinando o bom uso* que ela não se contenta em ser ciência e torna-se arte (p. 19 – grifo nosso)

Na sequência, também espelhando-se em gramáticas filosóficas do século XVIII e, possivelmente, em Bain, apresenta a bipartição dos estudos gramaticais em *Lexeologia* e *Sintaxe*: *As palavras, objeto da Gramática, podem ser estudadas em dois aspectos fundamentais: isoladas e combinadas. Daí a dividir-se o estudo da Gramática em **Lexeologia e Sintaxe**.* (p. 2), que revisaremos a seguir.

1.2.2 Lexeologia

O autor inicia seus estudos assim definindo o termo:

Lexeologia (Gr.*lexis* = palavra, logos, tratado) encara as palavras isoladamente em seus dois elementos fundamentais: em sua parte material que são os

⁵ Toledo, João. *Escola Brasileira*, 1925, p. 179.

sons ou as letras, conforme se trata da palavra falada ou escrita, e em sua ideia ou significação.

Inscrevendo os estudos lexiológicos em duas partes: fonologia e morfologia, acompanhando a proposta de Júlio Ribeiro (1913, p. 2):

A lexeologia considera as palavras isoladas, já em seus elementos materiais ou sons, já em seus elementos mórficos ou formas. A lexeologia compõe-se de duas partes: fonologia e morfologia.

Por uma questão de delimitação, como já explicitado anteriormente, não trataremos desse trabalho da fonologia. Passemos, então, à proposta de Pereira, em relação à morfologia.

1.2.3 Morfologia

O autor inicia a morfologia bipartindo-a também em **taxeonomia** e **etimologia**. Na primeira, inscreve os vocábulos nas tradicionais oito classes gramaticais: substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição, separando-as em flexivas e inflexivas.

Pereira diferenciou-se de alguns de seus contemporâneos ao inscrever o artigo nos adjetivos, chamando-os de determinativos articulares, justificando seu posicionamento: *Contam muitos gramáticos dez partes da oração, incluindo entre elas o artigo e o participio, porém essas partes estão naturalmente incluídas na classe do adjetivo.*

Vale lembrar que Júlio Ribeiro, em sua *Gramática Portuguesa*, além de trazê-lo em uma classe distinta, assim já o definia: *Artigo é uma palavra que se antepõe ao substantivo a fim de particularizar-lhe a significação* (p. 60), apresentando, pois, uma conceituação bastante aparentada com a encontrada em obras atuais.

Outro ponto que merece destaque na obra de Pereira é o dos verbos. Sua classificação é bastante minuciosa, caminhando em sentido contrário ao afirmado no prólogo, onde assegurara que *não partiria em pequeninos* o conteúdo gramatical. Ele, possivelmente apoiado em Sotero dos Reis, considera cinco modos verbais: indicativo, condicional, imperativo, conjuntivo ou subjuntivo e infinitivo ou infinito. Quanto ao primeiro, percebe sete os tempos verbais: presente, imperfeito, perfeito, perfeito composto, pretérito mais que perfeito, pretérito mais que perfeito composto e *outro*. Esse último é praticamente igual ao pretérito mais que perfeito. Nesse item, percebe-se novamente estar em

consonância com os trabalhos de seus antecessores: Sotero dos Reis e também com Augusto Freire, seguidores da corrente greco-latina.

Ainda em relação ao verbo, também ancorado na tradição, elenca quatro conjugações verbais: *-ar, -er, -ir e -or*.

Depois, traz a relação dessa classe gramatical com o sujeito, classificando-os, nesse sentido, em ativos, passivos, reflexivos e neutros, isto é *aqueles que não são ativos, nem passivos, pois enunciam apenas um estado ou qualidade do sujeito* (p. 165), inscrevendo nesses o *ser, estar, viver, morrer*, etc. Mais uma vez aproximando-se da tradição latina. Arnauld e Lancelot (1992, p. 110), ensinaram no século XVIII:

Os neutros, que alguns gramáticos chamam de intransitivos, verbos que não passam para fora, são de dois tipos: uns que não indicam ação, mas qualidade (...) os outros significam ações, mas que não passam para um sujeito diferente (...) ou que se relacionam com outro objeto (...)

Em relação às conjunções, apresenta uma classificação bastante criteriosa, diferentemente de alguns estudiosos, visto que, para muitos, era tema de discussão as diferenças entre essa classe, o advérbio e a preposição. Darmesteter, por exemplo, (1930, v. 2, p. 4), afirma:

Il n'y a pas de distinction absolue entre l'adverbe, La préposition et la conjunction; ils servent tous trois à exprimer les rapports abstraits qui unissent les termes de la phrase.

Para finalizar nossas considerações acerca da taxonomia, vale informar que nosso autor, diferentemente de muitos dos anos anteriores, considerou a interjeição uma classe gramatical distinta, asseverando: *Interjeição é a palavra invariável que exprime os afetos vivos e súbitos da alma, como a dor, a alegria, o espanto, etc.* (p. 177)

Whitney (1899, p. 19), assim compreendera essa classe gramatical:

The name interjection signifies something that is interjected or “thrown into the midst of something else; and this something else is the sentence, as made up of the other parts of speech.

Continuando o capítulo de morfologia, o autor passa a discutir as **analogias e oposição de sentidos**, apontando sinônimos, antônimos e parônimos. Bréal (1992, p. 92), autor que parece ter sido a inspiração para nosso estudioso, asseverara:

É preciso olhar a analogia como uma condição primordial de toda a linguagem. Se ela foi uma fonte de clareza e de fecundidade, ou se foi uma causa de uniformidade estéril, é o que somente a história individual de cada língua pode nos ensinar.

Atestando a filiação de ambos na corrente histórico-comparativista.

A última seção dessa parte diz respeito à **etimologia**. Sabemos que, antes de os estudos histórico-comparativos ganharem adeptos, essa questão gramatical era entendida de duas maneiras diferentes pelos gramáticos: como parte da gramática, sinônimo de taxionomia; e como origem, princípio. Sotero dos Reis foi um dos estudiosos que a concebiam da primeira maneira: *Divide-se a gramática em quatro partes, que são: etimologia, sintaxe, ortografia e prosódia* (p. VII). Já Moraes Silva (1813, p. 97) atendia à segunda maneira, ensinando: *Etimologia: origem, raiz, e princípio donde se deriva alguma palavra*. Tal concepção, fundada pelos gregos, foi discutida, por exemplo, em Crátilo (tradução portuguesa de 2001, p. 391):

Sócrates: (...) os nomes das coisas derivam de sua natureza e que nem todo o homem é formador de nomes, mas apenas o que, olhando para o nome que cada coisa tem por natureza, sabe como exprimir com letras e sílabas sua ideia fundamental. (...)

O nome, por sua natureza, têm uma certa justeza e nem toda gente sabe como designar convenientemente as coisas. (...)

Aqui no Brasil, autores como Júlio Ribeiro, Augusto Freire da Silva e Alfredo Gomes, inscreveram também esses estudos na morfologia.

Eduardo Carlos Pereira, na pegada desses, portanto, discute os elementos mórficos (*ou morfológicos*) das palavras, dizendo fazerem parte desses o tema, o radical ou raiz e os afixos.

Parte, na sequência a estudar o que chamamos hoje de *processos de formação vocabular*, discutindo a derivação e a composição, num estudo que muito se assemelha ao que vemos hoje nas gramáticas escolares.

1.2.4 Sintaxe

Sabemos que foi de Apolônio Díscolo, gramático do século II d.C., o primeiro importante tratado⁶ sobre sintaxe, seguido depois, na Europa pelo de

⁶ *Peri Sintáxeos*.

Prisciano⁷, cujo objetivo foi, de acordo com Kristeva (1969, p. 148) apenas traduzir para o latim os ensinamentos dos gregos. Apesar disso, aprofundou as primeiras análises e o resultado de seu trabalho foi bastante importante, já que vários de seus postulados perduram até hoje.

No século XIX, Darmesteter (*opus cit.* Livre Quatrième, p.1), explicaria:

Les mots sont faits pour exprimer les idées. Mais come nous ne pensons point des idées isolées, que nous pensons des jugements, c'est-a-dire des combinaisons d'idées, nous parlons par phrases. Les mots combinent donc (...)

Le partie de la grammaire qui étudie cet ordre des mot a reçu le nom de syntaxe (...)

Pereira, inicia o capítulo informando que os fatos sintáticos eram *extremamente móveis e difíceis de sistematizar* (p. 189), parecendo que possuía determinada dificuldade para lidar com eles. Depois dessa inusitada declaração, define *frase* como *a reunião de palavras que dá expressão a um pensamento, o qual pode ser completo (...) ou incompleto* (p. 188). Mais tarde, na segunda edição de sua obra, em 1909, retomaria esse conceito, asseverando: *frase é a combinação ou relação de palavras que dá expressão a um pensamento*. (2.^a edição, p. 154).

Em relação à proposição afirma: *proposição, oração ou sentença é a frase constituída por uma ou mais palavras contendo uma afirmação qualquer*. (p. 189). Esses conceitos, como se pode verificar, estão bastante ancorados nas obras de orientação tradicional.

Ao definir sintaxe, ensina de forma bastante sintética: *o termo sintaxe é de origem grega = syn = com, taxis = arranjo: corresponde à palavra latina — construção* (p. 189), afirmando tratar-se do *estudo das palavras combinadas* que compreende quatro partes: estudo das proposições e seus membros, das particularidades sintáticas das categorias gramaticais, do período gramatical e da pontuação.

Na parte inicial, apresenta noções de proposição, oração e sentença, classificando-as em declarativas, interrogativas, exclamativas e optativas; depois, passa a ensinar sintaxe de concordância e regência, tanto regular quanto figurada, e colocação, mostrando-se bastante prescritivo, visto que sua obra, como já afirmamos, fora elaborada para ser utilizada em aulas de Língua Portuguesa e, naquele momento, variantes linguísticas não eram aceitas tampouco discutidas.

⁷ *Institutiones grammaticae* (livros XVII e XVIII).

Interessante observar que, quando apresenta o estudo lógico dos termos da frase, traz um paralelismo entre as funções sintáticas e os casos latinos, muito aparentado com o formulado poucos anos antes o estudioso João Ribeiro, ancorado, pois, no modelo tradicional.

Pereira, assevera, inclusive, ao final dessa parte:

Tendo estudado os fenômenos das palavras em suas combinações no tríplice domínio da sintaxe de concordância, regência e colocação, estudemos agora certos fenômenos particulares referentes a cada uma das categorias gramaticais (p. 258)

Sabemos que gramáticas inspiradas no modelo greco-latino, até as produzidas antes do século XVIII, objetivando o *bom uso*, privilegiavam mesmo na sintaxe essa tríade: concordância, regência e colocação. Nesse sentido, Swiggers (1997, p. 124-125) aduz que tanto a noção de concordância quanto a de regência repousam sobre a teoria dos modistas, ou seja, dos autores das gramáticas especulativas ou de *modi significanti* da Idade Média, como a de Alexandre de Villedieu.

De forma paradoxal, na questão da regência, chega a asseverar: *com verbos causativos ou factitivos e com a autoridade dos escritores e do uso em geral (...)* (p. 255) orientando-se tanto pela tradição quanto pelo uso. Scaliger⁸ afirmava *A gramática é uma ciência que permite falar de acordo com o uso*. Navegando nas mesmas águas, Duclos⁹ afirmara: *já que foi fixado pelo uso e, em matéria de linguagem, o uso é lei*.

Outro item nesse capítulo que deve ser relevado é o da colocação pronominal, pois o autor, mais uma vez, revela seu apego à norma e à tradição. A preocupação com a colocação dos termos na frase está estreitamente ligada à questão da *arte de bem falar*, divulgada como, como já falamos, nas gramáticas tradicionais e mencionada em sua definição de gramática.

Quando vai discutir os vícios de linguagem, o que mais nos chamou a atenção foi destacar os *brasileirismos*. Nesse momento, chega a afirmar:

A evolução de uma língua opera-se no tempo e no espaço, as diferenciações regionais, quando adquirem certa extensão não só lexeológica porém também fraseológica ou sintática, assumem o caráter de dialetos. Embora o nosso léxico contenha cerca de 5000 vocábulos, em geral de origem indígena e africana, mais que o de Portugal, embora sejam notáveis certas diferenças prosódicas, sintáticas,

⁸ 1540, *apud* Kristeva, 1969.

⁹ *Apud* Arnaud & Lancelot, tradução de 1992.

todavia, seria talvez dar uma extensão indébita ao termo dialeto chamar a nossos brasileiroismos de dialeto brasileiro. (p. 215)

Apesar de a República ter se fixado, instaurando a busca por símbolos que desse identidade a nosso país, a constatação de que a Língua Portuguesa falada no Brasil figurava-se diferente da de Portugal era um fato negado por muitos estudiosos, sobretudo para aqueles que queriam nosso idioma calcado no modelo escrito do de nossa pátria-mãe. Contudo, havia aqueles que, mais observadores e flexíveis, asseveravam, como Mário Barreto (1911, p. 186):

Um idioma é produto do povo, não um sistema artificial organizado na cabeça de quem quer que seja, e tanto mais autoridade ganha um escritor quanto mais uso vivo se abeiram os seus escritores, que assim representam o uso de um idioma em uma época determinada.

Alguns tópicos apresentados pelo autor na parte de sintaxe de sua gramática ensejaram inúmeras discussões posteriores. Dentre elas, a que mais despertou a crítica de seus contemporâneos foi o estudo sobre o pronome *se*. Em relação ao estudo desse pronome, discute a sugestão de alguns que asseguram que, em certas construções como *faz-se a barba*, seja o *se* indefinido, correspondendo ao *on* francês. Tal análise para nosso estudioso é artificial e está em *antagonismo com os fatos atuais da língua e com seus antecedentes históricos*. (p. 331). Em suas *Questões de Filologia* (*opus cit*, p. 20), apoiado tanto na tradição, quanto na modernidade, acrescenta:

A teoria da subjetividade do SE tem granjeado ultimamente em nosso meio importantes adesões. Tem ele a preciosa vantagem de facilitar a análise, livrando-a de uma ‘incompreensível metafísica gramatical’, na linguagem de seus adeptos.

Apesar disso, porém, a teoria que nega ao SE o direito de ser sujeito da proposição é, ao meu ver, mais sólida diante da gramática histórica e dos pontífices máximos do vernaculismo moderno.

Não compete ao gramático facilitar ou dificultar os fenômenos da língua, mas apenas observá-los, coordená-los e interpretá-los, induzindo a lei ou regras em uma síntese racional.

É o método das ciências naturais transportado para o domínio da ciência gramatical (...)

Depois de discutir as funções sintáticas das demais classes gramaticais, parte para a pontuação, trazendo um minucioso estudo da vírgula.

Antes de concluirmos o estudo da obra de Pereira, faz-se importante informar que, como fora elaborada para uso em sala de aula, ao final de cada capítulo, apresentava um modelo de análise e um grande rol de orações (próverbios, máximas e ditos sentenciosos, na maioria) para treino dos conteúdos ministrados.

Finaliza a obra com a apresentação de um esquema de análise gramatical e uma sinopse do curso.

2. *Grammatica Portuguesa* — Hemetério José dos Santos

2.1 O autor

Hemetério José dos Santos nasce negro e pobre em Codó (Maranhão), em 1858 e falece no Rio de Janeiro em 1939. Concluídos os primeiros estudos, vai para o Rio de Janeiro “para ensinar seu saber e demolir preconceitos” (Araújo, 2003, p. 92), onde vive até sua morte, aos 81 anos.

Leciona no Colégio Militar e publica em 1881 uma antologia de 25 textos seus para a infância: *O livro dos meninos — contos brasileiros de acordo com os processos modernos* — falando de história e de nomes da nossa história, como o Visconde do Rio Branco, Caxias, Osório, etc., de geografia, dança, noções de moral e higiene, aos moldes da italiana *Il cuore*.

De suas obras destacam-se: *Grammatica Portuguesa*, para o segundo grau primário, publicada em 1885¹⁰, com mais de uma edição e a *Grammatica Portuguesa*, trabalho aumentado e refundido de sua *Grammatica Portuguesa* para o segundo grau primário, publicada também em 1907, com três edições. É dessa obra que se ocupa este trabalho.

2.2 A obra

2.2.1 Visão Geral

Antes de iniciarmos a discussão da obra, devemos nos lembrar de que o estudioso da História das Ideias Linguísticas deve compreender a obra como objeto de criação de um sujeito que conheceu a realidade de seu tempo, pois a vivenciara. Dessa forma, pouco depois de ter vindo a lume a primeira gramática de Hemetério, assim se expressa Maximino Maciel (1887, p. 563)

¹⁰ Embora a página de rosto da obra de 1906 informe que ela recebera um prêmio em 1877, momento de sua 2.^a edição, Leite de Vasconcellos (Opúsculos IV, 1929, p. 893) traz o ano de 1879 como o de sua publicação.

É de imprescindível justiça confessarmos que, muito anteriormente às gramáticas de Alfredo Gomes, Pacheco e Lameira e João Ribeiro, já havia Hemetério dos Santos elaborado sua *Gramática Elementar* em que, nas suas linhas gerais, se esboçavam com segurança as novas doutrinas filológicas, aplicadas à discência do vernáculo.

Trata-se da mesma forma que a anterior de uma obra pedagógica, razão pela qual não se detém em noções teóricas como a conceituação de gramática, que só vai aparecer no final do livro no item denominado *Análise Gramatical*, conceituação essa marcada pelas teorias naturalistas que levaram à compreensão da língua no seu aspecto imaterial, como um organismo vivo e como elemento de comunicação:

Gramática é, pois, a arte que estuda a palavra em suas três acepções: como *som*, como um *organismo* e como um *instrumento de comunicação*. (p. 255 – grifos nossos) relevando seu vanguardismo, haja visa que nenhum de seus contemporâneos assim entendiam a palavra.

A natureza e os objetivos de seu trabalho vêm expostos no Prefácio:

O estudo exclusivo do vernáculo, sem especulação alguma de ordem histórica, abrange cuidadosamente os conhecimentos principais dos fatos lexicológicos e sintáticos do português atual.

Pode-se observar que o autor prende-se ao estudo sincrônico da língua, afastando-se do estudo histórico, seguindo “as doutrinas modernas”, propostas por autores como Whitney (1892, p. 7), que considerava a linguagem um fato social e instrumento de comunicação.

We are apt to take language, like so many other things of familiar daily use, as a thing of course, without appreciating the mystery and deep significance which belong to it. We clothe our thoughts without effort or reflection in words and phrases, having regard only to the practical ends of expression and communication, and the power conferred by them.¹¹

¹¹ Nós somos inclinados a usar a linguagem, como muitas outras coisas de uso diário, como uma coisa natural, sem apreciarmos a importância do seu mistério e da sua profundidade. Nós vestimos nossos conceitos sem esforço ou reflexão nas palavras e nas frases, respeitando somente os resultados práticos da expressão e da comunicação, e a força conferida por elas.

Mais adiante assevera Hemetério,

O exagero dos estudos glotológicos entre nós tem sido levado a um tal ponto que nos colegiais se há dispensado a leitura e a compreensão banal dos textos, exigindo-se-lhes apenas uma docilidade criminosa à repetição litânica de formas comparativas dos vocábulos portugueses com os latinos de procedência clássica e popular.

E, em nota, à página 65, afirma:

Só num curso de gramática histórica (...) é que se lhe [ao aluno] pode explicar a formação de formas tais como: exterior, extremo, inferior, infimo (...). Não é especulativo o objeto da gramática expositiva.

Voltando ao Prefácio, continua:

O conhecimento da língua como instrumento de conhecimento é nulo, e um saber inútil de sacristia tem sido a só preocupação de alunos e professores. Assim é que os meninos, mal aprendem a leitura material, são forçados por professores sem consciência da sua missão a guardar de memória *modelos de comparação* de coisas que totalmente desconhecem: o vocabulário vernáculo e latino, a clássica sintaxe d'este e d'aquela, verdadeiras criações antagônicas.

Contra isso tenho trabalhado (...)

Dois pontos parecem-nos bastante importantes nessa citação: primeiramente o de o autor considerar o aprendizado de decodificação de letras como um ato meramente material, ou mecânico, fato que veio a ser discutido muito tempo depois, especialmente por Paulo Freire. O outro ponto que merece ser considerado é a crítica sublinear aos ideais educacionais vigentes à época, em que se apregoava, dentre outras coisas, a necessidade de ser fornecerem “modelos” aos alunos, seguidos de inúmeros exercícios de fixação.

Depois do Prefácio inicia a obra, dividindo-a em três partes: fonologia (não examinada neste trabalho), morfologia, com três capítulos: taxonomia, campenomia e formação de palavras e sintaxe, também com três capítulos: da proposição simples, da concordância e da proposição composta.

Nesta última trata ainda do infinitivo, dos verbos *ser* e *haver*, do pronome *se* e, sob o título *Técnica*, trata da leitura, da pontuação e da semiologia (ou semântica). A propósito desta parte, sobre tópicos gramaticais que motivavam inúmeras discussões entre os estudiosos na época, diz em nota à página 226:

Esta denominação foi, pela primeira vez, usada na minha *Gramática Portuguesa*, em 1885. O professor Maximino Maciel aceitou-a na sua judiciosa Gramática, e os Drs. Freire da Silva, de São Paulo e Bôscoli a adotaram com referência apenas ao trabalho de Maciel.

Quanto à inserção do infinitivo, dos verbos *ser* e *haver* e do pronome *se*, sabemos serem esses pontos causadores de grandes polêmicas filológicas naquela ocasião. Na discussão acerca do infinitivo, por exemplo, muitas gramáticas contemporâneas a em pauta¹² preferiam apresentar tanto a teoria de Soares Barbosa, quanto a de Diez, esquivando-se seus autores de caminhos tortuosos. Quanto ao verbo *ser*, a discussão era relativamente a sua natureza, já que a tradição o considerava “verbo por excelência” (*Grammaire* de Port-Royal). O verbo *haver* também fomentou muitas discussões, pois alguns estudiosos não acreditavam em sua impessoalidade e outros possuíam opinião contrária. Também era antagônica a posição de intelectuais acerca do pronome *se*: uns acreditavam na possibilidade da indeterminação do sujeito e outros não. Em construções como *aluga-se um palacete*, *precisa-se de um criado*, por exemplo, assim afirma Said Ali (1908, p. 93):

(...) *Não fosse o substantivo o régimen, que realmente é*, e havia de parecer-nos menos forçada, menos retórica, menos enfática, mais corrente, em suma, outra construção que não a dos citados *aluga-se um palacete*, *precisa-se de um criado*. E se primitivamente o substantivo foi de fato o sujeito, como parece ter sido junto a verbos transitivos, também nessa época andava necessariamente anteposto ao predicado; mas desde em que a sua posição se fixou depois do verbo, fixou-se também a sua função de objeto. (Grifos nossos)

Já Eduardo Carlos Pereira (1907) assevera:

4º caso:

Neste caso a ação reflete-se para o sujeito, porém este é incapaz de a praticar por ser *inanimado*: só a recebe, não pode ser agente, só é paciente: o verbo ou a voz torna-se *passiva* e o pronome reflexo assume o nome de partícula *apassivadora* ou *apassivante* — *Alugam-se quartos* equivale a *quartos são alugados*. (*Gramática Expositiva (Curso Superior)* 2.ª edição, p. 263)

¹² A *Grammatica Expositiva (Curso Superior)*, de Eduardo Carlos Pereira (1907) é um exemplo.

Hemetério apresenta, ainda, um Apêndice com a reforma da ortografia adotada pela Academia Brasileira de Letras, em julho de 1907.

Traz, para serem utilizados como exercícios, diferentemente de Pereira, inúmeros textos, alguns de próprio punho, outros de autores como Camões, Rebelo Gonçalves, José de Alencar, Gonçalves Dias, não nomeados, que deveriam servir de modelo, como padrão de escrita e, através dos quais, ensinava e fixava o conteúdo. Parece-nos que procura seguir Achille no seu *Traité Théorique et Pratique de Methodologie*, em que preceitua:

- que o ensino de língua atue sobre a mente e ensine a pensar;
- que por meio dele se transmitam aos alunos grande cópia de palavras e a necessária forma de linguagem;
- que o ensino seja prático;
- que seja moral.

Em relação à primeira proposta de Achille, notamos que, em todos os textos da gramática, os pronomes oblíquos átonos estão negritados, fazendo-nos supor que se tratavam de itens gramaticais a serem analisados, observando-se sua colocação, outro ponto gramatical gerador de discussões entre os intelectuais, em virtude da nossa tendência à próclise. Vale salientar que nessa época prevalecia uma idolatria em relação à língua portuguesa falada no Brasil e, conseqüentemente, uma recusa ao modelo linguístico português, mas este dualismo apresentou pouca ou nenhuma repercussão efetiva em nosso meio. Nesse sentido, poucos anos depois, Oswald de Andrade escreveria:

Pronominais

Dê-me um cigarro
 Diz a gramática
 Do professor e do aluno
 E do mulato sabido
 Mas o bom negro e o bom branco
 Da Nação Brasileira
 Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro

Relativamente à segunda e terceira propostas, durante toda a obra de Hemetério há atividades a serem realizadas pelos alunos, tornando-a, então, um manual teórico-prático de aprendizado da língua.

Quanto à última proposta de Achille, ou seja, a que trata do teor moralizante que deveria haver nos livros didáticos e que comungava com as exigências do Estado e da elite dos educadores, Hemetério, produz textos para exercícios, asseverando:

A mais poderosa inclinação e o maior apetite do homem é desejar ser. Uns desejam ser ricos, outros desejam ser nobres, outros desejam ser sábios, outros desejam ser poderosos, outros desejam ser conhecidos e afamados; e quase todos desejam tudo isto, e todos erram. Só uma coisa devem os homens desejar ser, que é ser Santos. (p. 31)

São os livros uns mestres mudos que ensinam sem fastio, falam a verdade sem respeito, repreendem sem pejo, amigos verdadeiros, conselheiros singelos; e assim como à força de tratar com pessoas honestas e virtuosas se adquirem insensivelmente seus hábitos e costumes, também à força de ler os livros se aprende a doutrina que eles ensinam: forma-se o espírito, nutre-se a alma com os bons pensamentos, e o coração vem por fim a experimentar um prazer tão agradável, que não há nada com que se compare, e só o sabe avaliar quem chegou a ter a fortuna de o possuir. (p. 33 e 34)

Quanto aos exercícios, eles vão se tornar indispensáveis nos livros didáticos e, muitas vezes, o sucesso da obra dependia deles, pois como ventilamos acima, os ideais do Escolanovismo, apregoando o caráter prático do aprendizado, penetravam mais e mais os bancos escolares

Ouçamos, a propósito, Bittencourt (1993, p. 290):

O livro didático possuía dois discursos que se integravam. Um texto no qual estavam expostos de maneira sintetizada e simplificada, os conteúdos explicitados da disciplina e um outro, o discurso pedagógico constituído por questionários, resumos, exercícios variados que indicavam como o conhecimento deveria ser aprendido pelos alunos. Os compêndios, mais especificamente, representavam, na íntegra, o saber a ser ensinado e progressivamente foram acrescidos de baterias de exercícios para fixação dos conteúdos da disciplina.

Como diz Chervel (1991): “O sucesso das disciplinas depende fundamentalmente da qualidade dos exercícios susceptíveis de serem realizados”.

E, à página 52 de sua obra, sob a rubrica de *Exercício*, Hemetério diz-nos:

Tirai dos precedentes, tendo o cuidado de preceder a lição do livro de numerosos exemplos no quadro preto. Sem minuciosa explicação pelo professor, nem um aluno deve estudar estas e outras lições já dadas e as que se seguirem. Na leitura, convém ensinar o aluno a servir-se do dicionário, e *acostumá-lo a variar o vocabulário de uso, nas composições e nas conversações ordinárias* (grifos nossos), levando esta preocupação necessária a todas as aulas, com especialidade, às aulas de história, geografia e história natural.

2.2.2 Morfologia

2.2.2.1 Taxonomia

Hemetério inicia essa parte afirmando poderem as palavras ser classificadas quanto a(s):

- ideias que exprimem: substantivas, qualificativas e relativas
- forma: primitivas e derivadas, simples e compostas
- significação: as classes ou categorias chamadas partes do discurso

2.2.2.2 As partes do discurso

São: substantivo, pronome, adjetivo, verbo, preposição, advérbio e conjunção. Quanto às interjeições diz, diferentemente de Eduardo Carlos Pereira, serem “palavras particulares que servem para exprimir emoção súbita da alma, alegria, dor, admiração etc.”. Não considera, também, como uma classe de palavras, os artigos, incluindo-os entre os adjetivos determinativos.

Essa divisão é a que se encontra em obras anteriores como na de Augusto Freire da Silva (1875 ?)² e posteriormente em Maximínio Maciel (1887).

Já o adjetivo é para Hemetério *a palavra com que determinamos os seres, ou lhe atribuímos alguma qualidade* (p. 17), partindo-o quanto à significação em *qualificativo e determinativo*. Recordemo-nos de que, João Ribeiro (1887) a esse respeito, assevera:

Pensamos todavia que é disparatada e ilógica a reunião dos *qualificativos e determinativos* no mesmo grupo com o nome geral de adjetivos. O qualificativo é o que exprime a qualidade do objetivo: *casa assoalhada*. (...) Os determinativos são os que marcam a referência dos nomes sem indicar nenhuma qualidade (...) (p. 17, 18 e 19)

Continuando, merece destaque, aqui, sua conceituação de verbo. Para ele **verbo** é *a palavra que exprime a ação completa ou incompleta que se afirma de*

pessoa ou coisa, sob a relação de tempo e modo. (...) Por função e por origem, todo verbo é a reunião pura e simples, sob o mesmo acento, de um adjetivo e da palavra que qualifica: todo verbo é adjetivo (p. 38), opondo-se aos gramáticos de orientação filosófica que os chamavam de *verbos substantivos*.

Na segunda parte da sua gramática, que compreende a Kampenomia, estuda os elementos das palavras e a flexão do nome (gênero, número e grau) e do verbo (tempo, modo, pessoa e número).

Relativamente aos nomes, destacamos sua orientação quanto aos substantivos (p. 56):

Há substantivos que assumem duas formas, uma — *masculina*, e outra — *feminina*, mas que não estão em relação de gênero, porque na coisa representada não existe *órgão sexual diverso*: *lenho, lenha, saco, saca, madeiro, madeira*, são apenas formas intensivas.

Nos verbos, importa destacar que o autor aponta noções aspectuais, ensinando: (p. 69): *Já vimos que o sufixo verbal representa a frequência e a gradação crescente d'a ação (...)*

Além disso, considera, como Eduardo Carlos Pereira, a 4.^a conjugação e, diferentemente de muitos de seus contemporâneos, inseria no *infinitivo*, as três formas nominais: o particípio passado infinito, o particípio presente (hoje gerúndio) e o passado (hoje particípio)

Para ele havia apenas dois verbos auxiliares na Língua Portuguesa, o *ter* e o *haver*, porque “só estes perdem a ação própria, a noção predicativa, e acompanham um particípio passado invariável ou a preposição **de** seguida de **infinito**”.

Chamou-nos muita atenção sua preocupação com a didática no conteúdo. Repetidas vezes orienta o professor: (p. 52)

Sem minuciosa explicação pelo professor, nem um aluno deve estudar estas e outras lições já dadas e as que se seguirem.

Na leitura, convém o aluno servir-se de seu dicionário e acostuma-lo a variar o vocabulário de uso, nas composições e nas conversações ordinárias, levando esta preocupação necessária a todas as aulas, com especialidade, às aulas de história, geografia e história natural.

O professor deve dar uma lista lexicográfica desses adjetivos, bem como justo emprego dos mesmos, em composição escolar. (p. 65)

O uso e a leitura torná-los-ão conhecidos. (p. 66)

Convém fazer muitas frases com os *tempos homônimos* até que o aluno facilmente distinga o justo emprego de ambos os verbos. (p. 87)

Na leitura o professor fará exercícios variados, por assim enriquecer o vocabulário do aluno. (p. 152)

mostrando sempre a importância do *uso*.

E, embora já houvesse disposição contrária, sugere ao professor a atividade de recitar:

Os alunos devem conjugar em voz alta, fazendo sobressair as sílabas tônicas e as flexões. (p. 93)

Traz depois a construção figurada e vícios de construção. Nesta parte, devemos apontar seu conceito de *barbarismo*:

Barbarismo –

1°. É o uso de palavras e frases estranhas à língua, como: *chefe d’obra*, por *obra prima*; *a minha perna*, os *meus cabelos*, etc.

Tomam o nome de *galicismos*, *anglicanismos*, *helenismos*, etc., conforme a procedência e origem.

2°. Consiste numa falsa compreensão do conceito de palavras e da sua fonética, como: *confeccionar* (compor de vários ingredientes), por *acabar*, *organisar*; *sastifazer*, *perpeutuo*, *estautua*, por *satisfazer*, *perpétuo*, *estátua*, etc.

(p. 196)

Incorporando nele o que chamamos hoje de **estrangeirismos**.

2.2.3 Sintaxe

Começa a terceira parte de sua obra ‘Sintaxe’, determinando seu conceito: trata do estudo da proposição (p. 153), adotando, como se vê, terminologia herdada da tradição greco-latina.

Inicia, então, os estudos da proposição simples e, no segundo capítulo dessa parte, trata da concordância. Nesse momento, chamou-nos especial atenção uma crítica feita a Julio Ribeiro em relação a casos do tipo:

“A renda de Pedro são mil escudos”.

Diz Hemetério: (p. 170)

O falecido gramático Julio Ribeiro, neste ponto, como nos demais, foi muito pessoal; deixou os documentos da língua de lado, e discretoeu idealmente, fazendo uma arte de onomástica simplesmente. Vide no *Diário Popular de S. Paulo*, Biblioteca Nacional, números de outubro de novembro de 1887 — encadernados por ordem do Senador Aristides Lobo — os meus artigos sobre esta e outras questões filológicas.

Continua o capítulo com colocação pronominal e, claro, como de costume, condenando a próclise:

Não se começa um período com variações pronominais átonas; assim, não se dirá:

Te disseram que lá se dilacera
Tudo, como no chão de enorme jaula;
Que era preciso p'ra acalmar a fera
O manto de São Vicente de Paula. (p. 178):

Todos os documentos repelem semelhante sintaxe.

Não se deve principiar período por *variações pronominais*, o que no francês e no latim é comum: ...largue-**me**, deixem-**me**; ...mandei-**o** à cidade.

Me largue, **me** deixe, etc., constituem barbarismos em que não caiu nem um só autor de nota. (p. 180)

O capítulo III da sintaxe, em que ensina sintaxe da proposição composta, é extremamente moderno e atual, trazendo praticamente a mesma classificação encontrada em obras gramaticais hodiernas. Isso nos faz deduzir que esta Gramática tenha sido base para muitas das reflexões posteriores, vindo influenciar, talvez, as escolhas do grupo de gramáticos responsáveis pela NGB.

Na discussão da partícula “se” apresenta exemplos em francês para estabelecer comparações com a Língua Portuguesa. (p. 225):

Em francês, o equivalente deste pronome é **se**, quando representa a passividade: *Cet air se chante beaucoup.* — *Ce qui s'apprend dès lê berceau ne s'oublie jamais.* — *La langue dos romains ne se parle aujord'hui communément qu'en Pologne.*

É possível que essa modernidade, tanto na apresentação e discussão do conteúdo, quanto sua constante preocupação com o uso, propondo sempre aplicação teórica em textos, tenha feito de sua Gramática uma das mais conceituadas no início do século XX.

A Grammatica Portugueza foi lançada na Belle Epóque, momento em que saber francês denotava cultura e bom-gosto, só possíveis à elite brasileira. Como era ela que tinha acesso à educação, Hemetério sabia que os alunos podiam entender.

Finaliza o capítulo três com uma observação intitulada “Ditado”. Afirma:

Não cessarei de dizer que o estudo da língua só se pode fazer, com proveito, diante dos textos; lendo-os, recitando-os, transpondo-os *materialmente* de uma forma para outra: da prosa para o verso, do verso para a prosa, da coordenação para a subordinação, e vice-versa; e, finalmente, pelo *ditado* expressivo e claro.

Considerações finais

Como se pode perceber pela análise das obras, Pereira esteve sempre muito mais calcado no modelo tradicional, das gramáticas greco-latinas, pelo menos no momento de escritura da primeira edição de sua obra, mas mostrando-se conhecedor dos modelos das gramáticas de inspiração histórico-comparativa. Embora contemporâneos, na obra de Hemetério vê-se muito mais a influência desta última. De toda forma, viveram ambos num momento de mudanças, e como homens de seu tempo, compreenderam-no e expuseram-no em sua criação. Observa-se, ainda, que ambos tinham, como objetivo, elaborar um instrumento pedagógico (sem muitos pruridos de inovação) que pudesse ser um auxiliar na docência; assim seguiram o Programa Oficial do Colégio Pedro II.

O estudo de seus textos possibilitou-nos vislumbrar como traduziam o pensamento gramatical da época, mostrando-nos o que encarnavam, sendo seu particular e o que possuíam de comum com outros homens de seu tempo. A análise de suas obras expôs-nos o *mental coletivo* de sua época, as *ideias*, a *psique* coletiva daquela civilização, o singular e o diferenciador entre as sociedades, tão importantes para traçar a História das Ideias Linguísticas da época.

Referências bibliográficas

Fontes

- PEREIRA, E.C. *Grammatica Expositiva (Curso Superior)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional 1907.
- _____. *Questões de filologia – resposta aos críticos da Gramática Expositiva*. São Paulo: Falcone, 1907.
- SANTOS, H.J. dos. *Grammatica Portugueza*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1907 (2.^a edição, aumentada).
- _____. *Grammatica Portugueza (Segundo Grao Primario)*. Rio de Janeiro: Typografia Montenegro, 1885

Obras

- Achille, V.A. *Traité Théorique et Pratique de Methodologie*. Paris: Editions Wesmarl-Charlier, 1905, 4.^a ed. [1880].
- ALI, S. *Dificuldades da Língua Portuguesa, Estudos e Observações*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1940, 4.^a ed., Said Ali
- ARAÚJO, A.M. *A Herança de João de Barros e Outros Estudos*. São Luiz: Academia Maranhense de Letras, 2003.
- ARNAULD, A & C.LANCELOT. *Gramática de Port-Royal*. Trad. de B. Bassetto e H. Murachco. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARBOSA, J.S. *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa*. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1822.
- BARRETO, M. *Novos estudos de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1911.
- BITTENCOURT, C.M.F. *Livro Didático e Conhecimento Histórico*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História da Universidade de São Paulo, 1993.
- BRACHET, A. *Grammaire historique de la langue française*. Paris: J. Hetzel, 1878.
- BRÉAL, M. *Ensaio de semântica*. São Paulo: EDUC, 1992
- CAVALIERE, R. *Fonologia e morfologia na gramática científica brasileira*. Niterói, RJ: EDUFF, 2000.
- DARMESTER, A. *Cours de grammaire historique de la langue française*. Paris: Librairie Dellagrave, 1930.

- CHERVEL, A. *Histoire de La Grammaire Scolaire*. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1977.
- DIEZ, F. *Grammaire des Langues Romanes* (V.1). Trad. Auguste Brachet et Gaston. Paris: 1874.
- FÁVERO, L.L. & MOLINA, M.A.G. *As concepções linguísticas no século XIX – a gramática no Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006
- KRISTEVA, J. *História da linguagem*. Lisboa: ed. 70, 1969.
- LEITE DE VASCONCELLOS, J.L. *Opúsculos (V. IV)*. Filologia Parte II. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1929.
- MACIEL, M. *Grammatica Descriptiva*. São Paulo: Francisco Alves & Cia, 1914, 5.^a ed. [1887].
- MORAES SILVA, A. *Diccionario de língua portugueza. Epítome da grammatica portugueza*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 2.^a ed. 1813 [1802]
- NASCENTES, A. *Estudos filológicos*. Riode Janeiro: Civilização Brasileira, 1939.
- RIBEIRO, João. *Grammatica Portugueza*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1911, 11.^a ed. [1887].
- RIBEIRO, Júlio. *Grammatica Portugueza*. São Paulo: N. Falcone & Comp. 13.^a ed., 1913 [1881].
- VERÍSSIMO, J.A. *Educação nacional*. São Paulo, Francisco Alves, 2.^a ed, 1906.
- WHITNEY, W.D. *Essentials of English Grammar*. Boston: Ginn & Company Publishers, 1899.